

Universidade de São Paulo

Introdução a Museologia

Professor Martin Grossman

Aluno João Lorandi Demarchi, Nº USP 8629840

Relato Crítico

A partir da leitura de “O Amor pela Arte” (Pierre Bourdieu), “Sobre as Ruínas do Museu” (Douglas Crimp) e “O Museu Imaginário” (André Malraux) e dos filmes “Fausto” (Direção Sokurov), “Underground” (Kusturica) e “Arca Russa” (Kusturica) tentaremos traçar alguns paralelos entre essas 6 fontes e apresentar a relação delas com o museu.

Quando a pauta é museu, seguindo algumas conclusões de Bourdieu, o assunto encontra nas camadas com maior nível de instrução mais reverberação. Portanto, a instituição que foi criada pela burguesia e tinha um caráter progressista (Crimp) adquire, hoje, uma postura mais conservadora. Este conservadorismo é de mão dupla: tanto influencia quanto é influenciado: para uma classe e feita pela mesma classe.

Este ciclo vicioso apresenta-se, por exemplo, na disposição física do museu. O tamanho e a existência das paredes limita a obra a ser exposta (Crimp); com isso faz com que se busque o padrão para poder expor as obras: incide sobre a criação.

Outro caráter do ciclo seria a “intelectualização da arte”. A metamorfose que o museu causou sobre a arte é muito significativa. Retirando o objeto do seu habitat natural e trazendo-o para dentro de uma sala, aliena-se da sua utilidade. Inicia-se um processo em que a arte é o seu próprio fim: a arte pela arte. Há um perda de significação, haja visto os vitrais que são mais que ornamento, nas igrejas (Malraux).

A arte passando a ser o fim muda também a forma com que o artista lida com a representação. Antes “não era uma reunião de cores para ser uma obra de arte, mas, sim, para ser a Virgem. Não para representar uma dama que usasse atributos de Maria: mas para ser; para ter acesso ao universo religioso” (Malraux – grifo nosso).

O museu transforma o objeto em obra de arte e ainda concede a ele; com suas luzes focalizadas, cordões de isolamento e todo o resto do ambiente; uma áurea como

se aquele objeto não tivesse sido produzido na sociedade. Há, com isso, uma fetichização. A obra de arte passa a pairar sobre os visitantes. Essa estratégia de fetichizar faz com que objetos provindos de contextos diferentes pareçam ser próximos. Dá-se também um sentido lógico à exposição, ajudado ainda pelo “caráter ilustrativo” das plaquetas.

A reprodução das obras é ainda mais problemática, pois planifica estátuas e altos-relevos, aproxima obras que não necessariamente são próximas. Retira da obra a sua especificidade. O ângulo, a luz, o enquadramento etc limitam a uma todas as muitas possibilidades de visão/percepção daquela obra real. E busca-se a supervalorização dos fragmentos da obra, cada detalhe é visto de maneira focalizada, sem levar em consideração o conjunto.

O caráter político do museu é algo a ser lembrado. A fetichização de objetos presentes no museu tira deles seu significado e a reflexão que poderia ser feita a partir dele. Crimp nos dá o exemplo do Museum Fridericianum e do monumento a Frederico II, lugar onde morreram diversas pessoas e quem, hoje, visita o local não tem acesso a essa história. A escolha dos monumentos não são aleatórias, há interesse por trás disso.

Nesse matiz estão também os fragmentos legados a nós. Nenhuma ruína ou fragmento é conservado ao acaso (Malraux), houve interesses para que eles fossem conservados. E esses fragmentos tendem a nos conduzir a erros de análise, acabamos julgando-os como se fossem a realidade global, mas pode tratar apenas de um caso particular.

Bourdieu analisou o público dos museus de alguns países europeus e concluiu que quanto mais instrução maior a chance da pessoa visitar o museu. A razão é o próprio museu “falar” apenas para essas pessoas. O museu, como também os monumentos, reafirma a posição dessa classe. Contamos uma história parcial em que a personagem principal é a elite. E quem que ver a elite em cena, senão apenas esta própria classe? O museu como instituição moderna criada a partir de uma classe emergente, a burguesia, parece ignorar sua história e segrega os sem vozes.

Reconheço essa discriminação nos dois filmes do Kusturica em relação aos russos e soviéticos. Eles são marginalizados e tratados como inaptos a narrar a sua história, são passivos. Claro que não por uma incapacidade cultural, mas talvez somente porque foram derrotados?

Em “Underground”, os refugiados do porão vivem uma alienação por conta da sua situação fugitiva, e qual será a história que eles verão sendo contada quando saírem? Provavelmente, não a deles. Em “Arca Russa”, a história russa é acessada pelos bastidores, entra-se pela parte de trás do museu/palácio, indicando talvez não um menosprezo mas a única via de acesso, já que pelas outras os russos foram silenciados.

Em “Fausto” o enquadramento da tela remete às obras de arte e suas reproduções em que se tenta criar uma áurea quase mágica onde a obra é supervalorizada. Pelas cenas escuras temos que forçar a vista e, com isso, prestar mais atenção aos detalhes evidenciados pela luz e entender a cena. No museu e na história devemos superar os detalhes que nos são destacados para ter uma visão mais global. Ainda neste filme, Fausto busca onde se localiza a alma humana indica com isso a posição central do homem na epistemologia daquele período, situação idêntica ao museu, em que o homem é o personagem principal.

Dessa forma, como as obras apresentadas pelo museu o próprio museu é produto de uma sociedade, produto de um período. E como todo período e toda sociedade há uma pluralidade de movimentos, de idéias e de produções. Resumir essa rica possibilidade de manifestação é empobrecer toda a história, da mesma forma que pincelar um único fragmento histórico e deduzir a partir dele todo o seu período é um erro! Para uma visão global devemos superar o que nós é apresentado e adentrar pelas vias alternativas.